

Mare Nostrum: o imaginário marinho da sociedade afro-romana a partir de representações musivas do período do Século II ao V

Danielle Sant'Ana de Albuquerque

Aluna de graduação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Membro do Laboratório de História Antiga (LHIA). Bolsista de produtividade pelo CNPq / PIBIC através do projeto coletivo do Laboratório de História Antiga (LHIA) / UFRJ: Iconografia e História Antiga Clássica: banco temático de dados imagéticos / Orientadora: Professora Doutora Regina Maria da Cunha Bustamante / Email: albuquerque.danielle@gmail.com

1. Introdução

Em todas as civilizações, o mar sempre possuiu um papel de destaque. Sua função extremamente útil acabou por torná-lo necessário ao homem. Não somente por ser um berço de vida e fontes de diversos tipos de alimento, o mar também possibilita a ligação com outros lugares, ou seja, através dele é possível chegar até outros povos.

No Século XV, a descoberta de um novo continente foi um momento de grandes mudanças para o homem europeu. A chegada no “Novo Mundo” representou uma mudança dos parâmetros sociais, econômicos e religiosos. Porém, o fato desses homens terem chegado a lugares tão longínquos e até então desconhecidos somente foi possível devido a uma mudança na forma de se pensar o mar, pois para atravessar o grande oceano que separava os continentes fazia-se necessário primeiramente vencer o medo desse desconhecido universo marinho.

O autor do livro “O Território do Vazio: A praia e o imaginário ocidental” Alain Corbin afirma o seguinte no primeiro capítulo de seu livro:

“A literatura antiga apresenta o mar – e depois o oceano Atlântico – como um lugar enigmático por excelência; faz dele o teatro privilegiado do sofrimento do sábio; repete-se no século XVII, sem muita convicção, é verdade, que Aristóteles se suicidou por não ter sabido elucidar a complexidade das correntes do Euripo”¹.

As raízes dos diversos sentimentos a respeito do mar existem desde a Antiguidade e devido a essa situação surgiram vários mitos que tentam explicar as origens e os motivos pelo qual o mar é tão ameaçador. É preciso lembrar porém, que o mar é algo necessário ao homem e sua fonte de riquezas o beneficia bastante. Por tanto, é possível chegar a duas conclusões já na introdução da presente reflexão: a primeira é que o mar possui características duais, ou seja, possui um potencial tanto ameaçador quanto benéfico. A segunda é que desde a Antiguidade o homem viu-se obrigado a vencer as “barreiras marinhas” existentes para pudesse alcanças ser alvos, começando por atravessar apenas um rio, passando pelo Mar Mediterrâneo, ao qual tornou-se íntimo, até chegar aos grandes oceanos.

2. Localização Espacial e Temporal

Os mitos a respeito do universo marinho são os mais diversos e estão presentes nas mais variadas civilizações, porém o presente trabalho pretende refletir sobre esse imaginário dentro da cultura greco-romana a partir dos mitos construídos tendo como ambiente de fundo o universo marinho.

O local escolhido para a presente pesquisa encontra-se dentro do território pertencente ao Império Romano e está localizado na África Proconsular, a mais antiga província romana ultramarina. Ela foi criada após a vitória romana sobre os cartagineses na 3ª Guerra Púnica em 146 a.C. e atualmente, corresponde ao território da Tunísia. Foi uma região com intenso desenvolvimento econômico e social. A circulação de produtos pelo Mediterrâneo era caracterizada por uma série de produtos como cereais, vinho, azeite, mármore, cerâmica, cavalos... Estudos arqueológicos publicados em 1986 (GREENE, 1986:??) mostram, através do porto

de Óstia, em Roma, como era significativo o comércio de produtos africanos principalmente entre o século II e IV d.C.

A produção agrícola e comércio marítimo eram muito lucrativos na África Proconsular, enriquecendo a elite local, que, assim, tinha recursos para construção e decoração requintada de vários prédios, públicos ou privados, o que constituía num elemento de ostentação do seu *status* social.

Para estudar o imaginário marinho presente na sociedade Afro-romana, o período escolhido é justamente o mais próspero dessa sociedade, ou seja, o período que vai do Século II ao V d.C.

3. Fontes para a pesquisa

Nas sociedades da Antiguidade, o domínio da escrita era algo raro e restrito a alguns grupos sociais, por esse motivo a imagem era mais utilizada pela sociedade

A imagem é uma importante fonte sobre a sociedade que a produziu e consumiu, conforme afirma o historiador francês Fustel de Coulanges “Onde o homem passou e deixou marca de sua vida e inteligência, aí está a História”². Assim sendo, toda e qualquer tipo de marca humana deve ser estudado como fonte histórica. É importante lembrar, porém, que assim como um texto precisa ser lido e compreendido, da mesma forma a imagem possui seus próprios códigos que precisam ser desvendados para que então possam ser interpretados. Dessa forma, para trabalhar com fontes materiais é necessário “alfabetizar-se”³. Para que isso aconteça, é necessário que o historiador relacione a imagem com a mensagem por ela transmitida, partindo da perspectiva de que as imagens possuem uma finalidade. É necessário ainda compreender o sentido que tais imagens possuíam ao circulavam em dada sociedade.

Para compreender a relação do homem com o universo marinho, a presente comunicação trabalhará com Mosaicos policromáticos.

4. Metodologia de Análise das Fontes

A metodologia escolhida para trabalhar com as fontes foi a proposta por Greimas através do Método de Isotopia Semântica. Segundo o autor, o método constitui-se em:

“Conjunto redundante de categorias semânticas que torna possível a leitura uniforme do relato, tal como resulta das leituras parciais dos enunciados e da resolução de suas ambigüidades, guiada pela busca de uma leitura única”.⁴

Esse método está dividido em três níveis semânticos do discurso. São eles:

- ➔ **Figurativo:** Significado passível de ser correlacionado em forma direta a um dos 5 sentidos (visão, audição, tato, olfato e paladar).
- ➔ **Temático:** A partir do conjunto de elementos formados pelo primeiro nível que é o Figurativo, o nível Temático irá agrupá-los de acordo com os temas representados por cada objeto.
- ➔ **Axiológico:** Nesse terceiro nível, é feita uma análise do discurso presente na imagem para verificação do sentido em que o grupo temático se apresenta.

5. A Cidade de Dougga (Thugga)

Em seu estudo sobre os mosaicos da África Proconsular, a professora Regina Bustamante elaborou um quadro que divide os temas marinhos presentes nas representações musivas em dois grupos: temas humanos e temas mitológicos.

As representações musivas de temática humana são grande fonte de pesquisa para conhecimento econômico e social da África Proconsular. Porém, o foco central da presente comunicação está na análise dos mosaicos de temática mitológica.

Em relação ao *corpus* com temática mitológica, a professora Regina Bustamante dividiu-o em dois grupos: o dos heróis, que tiveram aventuras marinhas, e o dos seres mitológicos marinhos propriamente ditos.

São vários os exemplos de representações musivas com temática mitológica marinha: o deus Oceano; o deus Netuno, Anfitrite, Nereidas,; Tritões,; Cupidos; Baco e até mesmo Vênus. Com a temática mitológica, são representados também heróis como Ullisses e Perseu, ambos heróis que venceram os perigos do mar, ao contrário de Leandro, também representado nos mosaicos, mas que sucumbira a ele.

Os dois mosaicos escolhidos para essa comunicação são originários da Cidade de Dougga e no momento encontram-se no Museu Nacional do Bardo / Tunísia. Ambos buscam representar cenas mitológicas e possuem o mar como pano de fundo. A primeira representa Ullisses quando resiste ao canto das sereias ordenando que seus marinheiros tampassem seus ouvidos com cera e o amarrassem na vela do barco, e a outra representa Dionísio no caso dos piratas, quando estava indo para Naxos e quase foi vendido por piratas a quem os transformou em delfins.

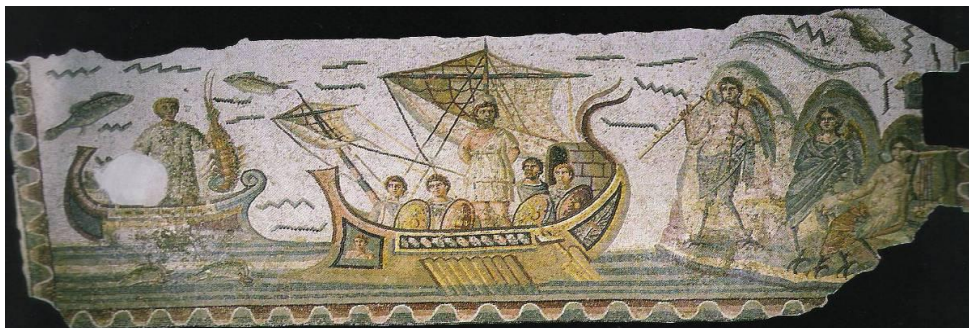


Imagem 1

- **TEMÁTICA:** Ullisses e as Sereias
- **PERÍODO:** Século IV d.C.
- **PROVENIÊNCIA:** Dougga (Thugga)
- **DIMENSÕES:** 3,40 X 1, 30m
- **ACERVO:** Museu do Bardo / Tunísia

NÍVEL FIGURATIVO - No centro, num barco, Ulisses com túnica de um ombro só amarrado com as mãos para trás no mastro principal do barco. Está ladeado por duas duplas de homens com escudos, que olham para a direita. Do lado direito do barco, encontra-se um outro com um homem dentro segurando uma lagosta. Do lado esquerdo do barco de Ulisses, para onde se dirige o seu olhar, estão três Sereias (metade mulheres e pássaros) num terreno rochoso: a do meio coberta por um manto e as duas outras cobrindo a parte inferior do corpo. As três estão em atividade musical: uma toca flauta dupla, outra canta e a terceira dedilha uma lira. A fauna marinha é rica e variada.

NÍVEL TEMÁTICO - Perigos de seres femininos monstruosos híbridos – metade mulheres e animais – para a vida do homem / Riqueza marinha

NÍVEL AXIOLÓGICO - Desvalorização do ambiente marinho devido aos perigos nele existentes ➡ Valores disforizados.



Imagem 2

- **TEMÁTICA:** Triunfo de Dionísio
- **PERÍODO:** Século III d.C.
- **PROVENIÊNCIA:** Dougga (Thugga)
- **ACERVO:** Museo do Bardo / Tunísia

NÍVEL FIGURATIVO - O ambiente é composto por três barcos, sendo que o barco do meio é o maior. O barco da esquerda possui Velas, enquanto que os barcos do

centro e o da direita possuem remos. O mar representado é rico em peixes, frutos do mar e animais marinhos de várias espécies.

O primeiro homem da esquerda para a direita é a representação de Dionísio que está barbudo, gordo, careca e nu com apenas um manto que cai sobre o braço esquerdo e sua perna direita. Ele possui uma coroa de louros na cabeça, com mão esquerda segura uma corda e seu braço direito aponta para a mesma direção que seus olhos: a figura masculina a sua frente que está nu, com uma coroa de louros na cabeça, um cajado envergado na mão direita e com a mão esquerda segura o cajado portado pela figura feminina ao seu lado. Atrás da figura masculina estão dispostas mais duas varas. Entre Dionísio e a figura masculina, encontram-se duas figuras femininas que estão vestidas, a que se encontra ao lado da figura masculina segura uma lança com a mão direita e o braço de Dionísio com a mão esquerda. Não é possível identificar seu rosto devido ao desgaste do mosaico. A figura feminina que encontra-se ao seu lado de Dionísio possui uma coroa de louros e sua mão esquerda aponta para a figura feminina central. De dentro do navio sai um leopardo que vai em direção ao mar e segura pela boca os pés de um homem que está caindo na água. Atrás da figura de Dionísio existe um ramo de Hera.

Ao mar, estão representadas duas figuras metade homens metade peixes e um Delfim.

No barco da esquerda, estão representadas as figuras de três homens. O barco encontra-se inclinado dando a impressão de que o mar encontra-se agitado. Os três homens estão vestidos, sendo que os dois primeiros da esquerda para a direita usam uma túnica e o último utiliza apenas uma tanga. Esse último também carrega uma lança com a mão direita e aponta para o mar em direção a um polvo. Os outros dois homens seguram cordas que puxam uma rede com algo dentro, mas não é possível identificá-lo devido a uma falha no mosaico. Atrás do barco existe mais um polvo.

No barco da direita estão representadas as figuras de dois erotes. Ambos seguram com as mãos esquerda e direita objetos cilíndricos nas mãos. Ambos olham em direção ao barco central, o que dá a impressão de que estão participando da cena. O barco em que estão possui três vasos presos em uma corda que está presa na proa do barco.

NÍVEL TEMÁTICO - Riqueza marinha / Perigos existentes no mar / Proteção através de seres marinhos

NÍVEL AXIOLÓGICO – Valorização do ambiente marinho e das riquezas nele existentes ➔ Valores euforizados / Desvalorização do ambiente marinho devido aos perigos nele existentes ➔ Valores disforizados.

6. Conclusão

O mar era algo extremamente presente na vida da sociedade Afro-romana. Por esse motivo, as representações musivas tinham como objetivo demonstrar a riqueza existente através da fecundidade do mar = fonte de vida, sempre apresentado como algo benéfico.

Apesar dos perigos existentes no mar, como sereias e monstros marinhos, como a Cila, estes eram vencidos pelos deuses e heróis. Contudo, era necessário respeitar e não ser temerário frente ao mar, tal afirmação pode encontrar fundamento através das mensagens contidas nas lendas de Leandro ou de Baco.

Existiam mensagens nas imagens musivas: de gratidão ao mar e de confiança através da apresentação de um mar pacífico, porém com a devida atenção e respeito. É importante destacar que, nas sociedades da antiguidade, a narrativa mítica não deve ser vista apenas como uma simples história sem sentido. Mircea Eliade afirma:

“Qualquer que seja a sua natureza, o mito é sempre um precedente e um exemplo, não só em relação às ações do homem, mas também em relação à sua própria condição”⁵.

Em suma, na maioria das vezes, o mito tem a função paradigmática de guiar o homem antigo em como agir e se comportar: “fazer como os deuses e heróis fizeram”⁶ e ao interagir com o receptor da mensagem, as representações imagéticas musivas acabavam por inserir no imaginário da população uma visão acerca do mar que acabava por se propagar.

7. Notas

¹ - CORBIN, Alain. *O Território do Vazio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. pp. 21.

² - GOFF, Jacques Le. “História”. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Casa da Moeda-Imprensa Nacional, 1985. Volume I, pp. 219.

³ - BURKE, Peter. *Testemunha Ocular*. Bauru: EDUSC, 2004. pp. 12.

⁴ - GREIMAS, Algirdas Julien. *Du sens*. Paris: Seuil, 1970. pp. 188.

^{5 e 6} – ELIADE, Mircea. *Tratado Geral das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. pp. 339.

8. Bibliografia

BLANCHARD-LEMÉE, M. *et alii*. *Mosaics of Roman Africa; floor mosaics from Tunisia*. London: British Museum Press, 1996.

DUNBABIN, K. M. D. *Mosaics of the Greek and Roman World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

FANTAR, M. H. *La mosaïque en Tunisie*. Tunis: Les Éditions de la Méditerranée, 1994.

FRADIER, G. *Mosaïques romaines de Tunisie*. Tunis: Cères, 1997.

KHADER, A. B. A. B., SOREN, D. *Carthage: a mosaic of Ancient Tunisia*. New York London: The American Museum of Natural History – W. W. Norton & Company, 1987.

KHADER, A. B. A. (ed.). *Image in stone; Tunisia in mosaic*. Paris: Ars Latina & Tunisian Agency for the Development of Heritage and Cultural Promotion, 2003.

LAVAGNE, H.; BALANDA, É. de; URIBE ECHEVERRÍA, A. (dir.). *Mosaïques, trésor de la latinité; des origines à nos jours*. Quetigny: Ars Latina / Union Latine, 2000.

LING, R. *Ancient Mosaics*. London: British Museum Press, 1998.

YACOUB, M. *Le Musée du Bardo* (Départements antiques). Tunis: Agence Nationale du Patrimoine, 1993.

GRIMAL, P. *Dicionário da mitologia grega e romana*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1997.

LURKER, Manfred. *Dicionário de simbologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LURKER, Manfred. *Dicionário dos deuses e demônios*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ELIADE, Mircea. *Tratado de história das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular*. São Paulo: EDUSC, 2004.

BUSTAMANTE, Maria Regina da Cunha. Desnudando Vênus: uma leitura semiótica de três mosaicos norte-africanos. In: THEML, Neyde. BUSTAMANTE, Maria Regina da Cunha. LESSA, Fabio de Souza. *Olhares do corpo*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, pp. 173-188.

BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. Ludi Circenses: Comparando textos escritos e imagéticos. *Phoênix*. Rio de Janeiro, 11: 221 – 245, 2005.

BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. Práticas culturais no Império romano: Entre a unidade e a diversidade. In: SILVA, Gilvan Ventura da. MENDES, Norma Musco. *Repensado o império romano. Perspectiva socioeconômica, política e cultural*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2006, pp. 109 – 136.

BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. Maré Nostrum: Mediterrâneo e identidade romana nos mosaicos norte-africanos. ANAIS ELETRÔNICOS DO XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – CD-ROM (ANPUH Nacional – UFPB / 27jul. – 1º Ago. 2003). História, acontecimento e narrativa. João Pessoa: ANPUH, 2003.